

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,  
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 4

FORTALEZA, 15 DE JANEIRO DE 1887.

## SUMMARIO

*Expediente.*

*Preliminares* — JOÃO LOPES

*Origem da palavra Ceará* — PAULINO NOGUEIRA.

*Lumen-Numen* — VIRGILIO BRIGIDO.

*Corda sensível* — OLIVEIRA PAIVA.

*O Regresso* — JUVENAL GALENO.

*Os Quinze dias* — ANTONIO MARTINS.

*A Escola* — J. DE SERPA.

*Creanças* — JOSÉ OLYMPIO.

## EXPEDIENTE

A QUINZENA publica-se duas vezes por mez.

### Assignaturas

#### CAPITAL

Trimestre . . . . .	2\$000
Semestre . . . . .	4\$000
Anno . . . . .	8\$000

#### INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre . . . . .	5\$000
Anno . . . . .	10\$000

#### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

## PRELIMINARES

Não faltará quem considere arriscado, temerario mesmo, este empreendimento a que nos abalançamos.

Si na capital do imperio, metropole da civilisação sul americana, o meio não é propicio ás lettras e as publicações exclu-

sivamente litterarias mal podem, a custa de tenaz e mortificante sacrificio, romper a espessa crosta da indiferença publica para arrastar uma vida penosa e ephemera; na provincia, aqui por estes recantos do norte, parece desatino quebrar a homogeneidade beatificamente rotineira da vida provincia-na, para escrever sobre lettras e artes e sciencias.

Vão assim objectar-nos os *homens praticos*, que, por pouco que saibam, sabem bellamente sentenciar *ex-cathedra* que o nosso publico é infenso, sinão hostile a isso de litteratura «que não bota ninguem para diante».

Não seremos nós quem conteste a desoladora verdade inspirada pela experiencia longa e fria do bom senso. Podemos mesmo subsidiar taes conceitos com observações proprias, em dez annos de jornalismo.

A imprensa partidaria, feita á imagem e semelhança da nossa sociedade essencialmente burgueza e votante, vive para ahi sabe Deus como, quasi a finar-se a mingua de alento, operando milagres de resistencia, a metter-se teimosamente pelos olhos do povo que lhe volta costas e convencidamente afirma que a boa politica é cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos.

E, entretanto, é a imprensa partidaria quem abre caminho para os empregos, quem sagra benemeritos os amigos, quem traz pela rua da amargura os adversarios, quem institue tenentes-coroneis e destitue subdelegados.

Ficam, portanto, sabendo os *homens praticos*, que não somos ingenuos, que não temos peneira nos olhos, que não vemos tudo côr de rosa.

Sabemos d'ante-mão que muito caro nos vae custar cada um desses ephemeros prazeres intellectuaes, deliciosos prazeres que só comprehendel-os e poder aspiral-os é já uma fortuna immensa, um gaudio ineffavel.

Mas, para defrontar com essas desanimadoras convicções, temos no coração bom numero de esperanças que assentam na licção dos factos, pouco explicaveis, para nós ao menos, mas em todo caso verdadeiros e incontestaveis.

O Ceará apresenta o phenomeno de ser uma excepção á quietude bem-aventurada, que caracteriza todo o Brazil, exceptuando a côrte, S. Paulo e S. Pedro do Sul. Sem saber como e porque é radicalmente evolucionista o povo cearense.

Factos :

O trabalho livre foi ensaiado, acceito e adoptado entre nós, muito antes que o Visconde do Rio-Branco houvesse introduzido na legislação patria a aurea lei que estancou a derradeira fonte de procedencia do escravo ;

Pedro Pereira, o anonymo, precedeu de 29 annos Paranhos, o benemerito, na aspiração de liberdade do ventre escravo. Por indicação do conego Pinto creou fundo de emancipação a nossa lei orçamentaria 4 annos antes da de 28 de setembro ;

A eliminação do elemento servil foi decretada «em nome e pela vontade deste povo» quando ainda os governos só se dignavam referir á abolição do captiveiro para dizer que não cogitavam d'ella ;

O ensino primario dado pela mulher foi instituido pelas nossas assembléas, quando ainda não tinha passado de controversia pedagogica na maior parte do paiz ;

A adopção de melhoramentos adiantados no commercio e na pequena e pobre industria da provincia, fez-se sempre facilmente, naturalmente, sem *quebra-kilos* e sem levantamento do mulheril sertanejo, diabolica multiplicação de Maria da Fonte, que andou a dar cabellos brancos aos governos e colletes de couro aos povos d'outras regiões braziliás ;

Em relação a imprensa, e é este o ponto capital para a nossa argumentação, nota-se a mesma tendencia boa e progressista ;

Foi a Fortaleza, das cidades de provincia, a que fez segundo pelotão á vanguarda da imprensa fluminense, instituindo o jornal de dous vintens. *O Municipio*, de que temos saudosa recordação, foi o primeiro jornal que se vendeu na rua a 40 réis, depois da *Gazeta de Noticias*;

Outro facto de muita significação é a existencia prospera e gloriosa que teve a

*Fraternidade*, folha de combate, mais do que litteraria, na acepção commum do vocabulo, pois que era philosophica, critica, scientifica.

Esta não exprimia simplesmente uma brecha nos habitos da população pouco afeita a lettras. Significava uma reacção violenta, sem gradações, sem medida, contra crenças religiosas, cujo enraizamento no espirito publico é escusado encarecer e demonstrar.

Ora, nada mais natural do que, sobre os factos que ahi ficam apontados, constituir *A Quinzena* o castello de suas esperanças, de sua confiança mesmo no meio cujo gosto vae tentar, apresentando-se-lhe como publicação puramente litteraria.

O *Club*, de que é propriedade, confia muito que poderá mantel-a dentro do seu programma, o que não é facil, attendendo á pouca intensidade da vida litteraria entre nós, mas não é impossivel, em vista dos nobres estimulos que o levaram a constituir-se e animaram-no a deitar organo na imprensa.

Fallamos de programma sem que o formulassemos. Julgamol-o escusado, pois ficou escripto : *A Quinzena* é uma publicação puramente litteraria.

Digamos, entretanto, uma cousa que nos parece essencial : A redacção d'*A Quinzena* põe suas paginas a disposição de todas as intelligencias, reservando-se, porem, o direito de, com a maior franqueza proferir o seu veredictum approbativo ou condemnatorio dos trabalhos destinados á publicação.

Esta declaração pôde prevenir susceptibilidades, mas ha de tranquilisar as verdadeiras vocações, os moços de talento, de trabalho, capazes de comprehender a propria e a nossa responsabilidade.

O que levamos dito será sufficiente como cartão de nossa visita ao publico.

JOÃO LOPES.

#### ORIGEM DA PALAVRA 'CEARÁ'

*Ceará* é uma das palavras indigenas que mais interpretações tem tido:

*Primeira*:—*Canto da jandáia*; de *cémo* cantar forte, clamar, e de *ará* pequena arára ou periquito grasnador. J. de Alen-

car, *Iracéma*, pag. 163 e 173, Ayres do Casal, *Corographia Brazilica*, Tom, 2.º pag. 195.

*Segunda*:—Corruptella de *ciará*, nome que os indigenas davam á uma especie de papagaio. Milliet de S. Adolphe, *Diccionario Geographico do Brazil*, Verbo *Ceará*, Dr. Martius, *Glossaria Linguarum Braziliensium*, pag. 496.

Pompêo, *Diccionario Topographico e Estatistico da Provincia do Ceará*, limita-se a citar estas duas interpretações.

*Terceira*:—Corruptella de *suiá* caça, abundante nos arredores da enseada do Mucuripe. Pizarro, *Memoria Historica do Rio de Janeiro*, Tom. 8, pag. 221, nota 1.º, Faria, *Novo Diccionario da Lingua Portuguez*, verbo *Ceará*.

Milliet parece tambem não repellir esta interpretação.

*Quarta*:—*peque o caranguejo redondo ou do alagado*; de *Siará-mirim* ou *Syrag-mirim*, corruptella de *ciri-apuá*, depois por contracção —*ciri-á*, *ciriá*, *ceará*. Candido Mendes, *Memoria para a Historia do Maranhão*, Tom. 2.º *Introdução*, pag. 64, nota.

O Sr. Catunda nos seus recentes *Estudos de Historia do Ceará*, pag. 13, discordando das duas anteriores interpretações, abraça esta.

*Quinta*:—Finalmente o Sr. Capistrano de Abreu, na *Gazeta de Noticias da Corte*, n.º 270, de 27 de Setembro de 1886, a proposito do livro do Sr. Catunda, pronuncia-se deste modo:—«Poucos vocabulos tem sido interpretados de modos tão differentes, desde Alencar, que traduz por canto da jandáia, até Pompêo, que encontra nelle a significação de caça. O Sr. Catunda, adoptando a opinião de Candido Mendes, não nos parece ter sido mais feliz. E' preciso em primeiro logar saber se a palavra pertence ou não á lingua geral. Em segundo logar é preciso não esquecer que Ceará ou, como antigamente escreviam, Siará é o nome de um rio, do mesmo modo que Sitia e Siupé ainda o são hoje. Os trez nomes devem, pois, ser explicados juntos e a sua origem é provavelmente Cariry, lingua em que *azu* quer dizer agua.»

Não me posso conformar com qualquer dessas interpretações, apesar do subido respeito, que merecem seus autores.

A primeira, a principio, seduzio-me tanto que no meo *Vocabulario Indigena*

em uso no Ceará, acompanhado de explicações etymologicas, historicas, etc, trabalho que offereci ao *Instituto Historico e Geographico* do Rio de Janeiro, preferi-a, confesso, levado principalmente pela autoridade de Alencar, que na pagina citada afirma «ser essa etymologia a verdadeira e não só conforme com a tradição, mas com as regras da lingua.» Hoje, porem, depois de estudo mais calmo, parece-me até a menos preferivel.

Antes de tudo, não posso crer que o indigena, querendo dizer *canto da jandáia*, omittisse este ultimo vocabulo, puramente da sua lingua, embora alterado, para substituil-o por outro—*ará*—pequena arára ou periquito grasnador, que não pode dar ideia exacta desta ave; pois a jandáia nem é pequena arára nem periquito: é muito menor que aquella e muito maior que este; e o seu canto, por demais aspero e rude, jamais poderá exprimir, mesmo por onomatopêia, Ceará.

Depois, regra geral, o indigena compõe suas palavras, do mesmo modo que o inglez, pospóndo o possuidor á cousa possuida, por exemplo:—*Ubira-jára* senhor do cacete, de *ubira* cacete e *jára* senhor; tal como na lingua ingleza—*reform-club* club da reforma. Si, por tanto, Ceará significasse canto da jandáia, a sua formação seria contraria ás regras da lingua; deveria ser *ará-cémo* ou *aráce*, que não é forma tupica.

Menos colhe o elemento tradicional invocado; porque, si é certo que a tradição nos trouxe essa interpretação, é tambem certo que nos trouxe outras.

Quanto á segunda, nenhum chronista nos falla dessa especie de papagaio chamada *ciará*, como assevéra Candido Mendes. Gabriel Soares, o mais noticioso e veridico dos nossos chronistas, na autorizada opinião de Varnhagen (Visconde do Porto Seguro), nas suas *Noticias do Brazil*, pag. 87, apenas nos falla de uma ave, do tamanho de um papagaio, vivendo nas tócas das arvores, de cujo fructo se sustentava. Qual o nome, porém, não diz.

A terceira, nem parece séria, pois em tupi caça nunca foi *suiá*, mas *çoo*, *soo* ou *suu*, como se pode ver em todos os dictionarios da lingua, desde o do Dr. Martius até o do Dr. Gonçalves Dias.

A quarta presuppõe uma transformação, uma elaboração tão longa, lenta, tra-

balhosa e paciente que em nada se conforma com a indole do selvagem em tudo rapido, breve, ligeiro e expressivo.

Mas não é essa a menor difficuldade. O indigena, attestão todos os chronistas, não applicavam ás cousas ou ás pessoas si não nomes de objectos, que por qualquer forma o impressionassem. Ora, não é crível que o impressionasse de preferencia, em um litoral extenso e abundante de todas as especies de crustaceos, o *caranguejo pequeno e redondo*, a especie mais commum que ha! O proprio autor tão pouca confiança tem na sua interpretação que não duvida admittir outras em concurrencia, tirando-lhe assim o valor e o prestigio.

Tambem não posso convir em que o vocabulo tenha sua origem na lingua Cariry, como quer Capistrano de Abreu. Sem ligar importancia á confusão, que faz Roberto Southey, *Historia do Brazil*, Tom. 1.º pag. 318, de cariry ou kariri com kiriri, prefiro acceitar a opinião do sabio brasileiro Baptista Caetano, quando nos *Ensaios de Sciencia*, Tom. 1.º pag. 23, dá a tribu e a lingua kariri por differentes de kiriri, lingua aquella na qual Maniani já havia composto uma grammatica e um cathecismo, e mais tarde o Padre Bernardo de Nantes um cathecismo tambem. Partindo, pois, da existencia de uma lingua kariri é facil de provar-se que o vacabulo é da lingua geral.

(Continúa)

PAULINO NOGUEIRA.

## LUMEN-NUMEN

Lucevan gli occhi suoi più ch'una stella.

DANTE.

Olha-me assim. . assim... Na profundeza  
Do teu sereno olhar immaculado  
Vejo tanto mysterio desvendado,  
Que as nevas obumbravam de incerteza!

Olha-me sempre assim. A voz das rosas,  
Dos ceos azues, dos montes, das estrellas,  
O hymnario do amor, em noites bellas,  
A musica das veigas perfumosas,

Os soluços do mar sobre os escolhos,  
Os madrigaes dos ninhos, o carpir  
Da vaga que na praia se revolve,

Tudo eu penso escutar, quando em teus olhos  
Vejo esse raio limpido lusir  
Illuminando a noite que me envolve.

VIRGILIO BRIGIDO.

## CORDA SENSIVEL

Um fardão de coronel estava enfiado sobre o espaldar da cadeira de balanço, e a pequena Maria, apertando na mão uma fatia de pão com manteiga, olhava extasiada. A côr azul escura da casimira, sob a claridade nocturna que enchia a sala, modelava macieza de velludo e fingia reflexos de rôxo. Nas hombreiras do fardão poisavam as dragonas massiças, de grande gala, com o seu chuveiro de torçães de ouro; e na frente o papo se escancarava, deixando ver a tela de *crochet*, com que se costuma proteger as mobilias. A um lado corriam-lhe os oito botões, cada um crescido como um olho de boi...

Mas, quando a pequena deu com o empastamento de condecorações que encobria lado a lado o peito ao fardão, não pôde resistir ao chamariz, e pondo um joelho á beira do assento e com os bracinhos estirados agarrando-se aos braços da cadeira, subiu, apesar do balanço. As mangas da farda começaram então um movimento de pendulo, roçando no tapete os canhões encastoados pelas pesadas divisas de coronel. O amor ao equilibrio forçou a pequena Maria a ir com a mão ao tope da cadeira, e ahi, olha lá manteiga pelas abas.

Acode 'naquella cabecinha castanha uma ligeira idéa de remorso, e o que ha de mais simples é deixar as coisas como estavam. A esse tempo brilhavam no escuro da rua, á altura do peitoril da janella, os olhos da filhinha do cabo de ordens, que espiava para dentro, pôde ser que arrastada pelo cheiro da ceia, cujos tirlintintins se ouvia. Que optimo desvio! E as duas começaram a conversar-se na janella, como pessoas sisudas; bem entendido, a pequena do cabo de ordens comendo o enfastiado pão com manteiga, a célebre fatia.

No dia seguinte, quando a criada veio sacudir os moveis, cahiu das nuvens, coitada! Cada rombo d'este tamanho, afóra uma porção de rendinhas, na casimira do fardão, de modo que a intertela e os re-

cheios do peitilho estava tudo estripado e esbrugado.

Consequencia : um odio entranhado aos ratos. Os cantos da casa povoaram-se de ratoeiras. Era um nunca acabar.

Pois, senhores, roêrem a mais linda, a mais garbosa, a mais rica, a mais nobre farda da provincia ?! Ah si o coronel podesse estrear toda a ratagem unanime das nações, na ponta de seu gladio!

Em um amanhecer de abril, soffrivelmente bello, a criada, deixando para mais tarde a visita ás ratoeiras, aconteceu que ajuntaram-se á pequena Maria, o pequeno Manoel, e o caçula, e foram despescar, por sua conta e risco, as da dispensa.

O cabeça de motim, que todos sabem ser a Sra. D. Maria, como lhe chama a mãe ganudo se enfesa, não teve mais o que fazer, e, cercada pelos dous bargados con-sócios, assentou-se no chão, depondo a ratoeira sobre o panno do vestido que se fazia entre as duas perninhas abertas.

A ratoeira não era mais de que uma cúpula de arame cosida a uma rodellinha de pinho. Dentro, porem, havia era um bicho cinzento e uma porção de bichinhos vermelhos, da côr dos dedinhos do caçula : phenomeno raro, que provocou uma gritaria hilariante, aliás inconveniente, porque atraz acudiram a criada, a mamãe e até o coronel, a vêr o que fazia aquella troça de quenquéns.

Maria estava mettendo a mão para abocanhar a bicharada — em tempo de ser mordida !—e o Manoel procurava tambem si havia outro buraco onde elle podêsse metter a d'elle.

—Virgem Maria !—vozeava a creada.

—Isto é o diabo !—roncava o coronel.

Recuaram todas as mãos, e a curiosidade das creancinhas foi achar nos olhos d'ellas o desejado e inviolavel refugio.

A mamãe, porem, encarando o caso, juntou as mãos enternecidamente, e cobrindo o marido e os tres filhinhos com um d'aquelles olhares que só em mulheres se depara, exclamou cheia de profundo sentimento materno :

—Espera, que é uma ratinha que deu a luz na ratoeira !

O duro militar ficou basbaque. Emquanto a rata puérpera, impunemente, pacatamente, com o salvo conducto de sua boa estrella de mãe, sahia, como um anão

no meio de enormes gigantes de conto de fada, e galgava novamente as prateleiras prenhes de queijo. A ninhada se amontoava no regaço da pequena Maria,—uma porção de bichinhos vermelhos, da côr das carnes tenras do caçula, cujo corposinho nũ estava ali acororado, a alma de creança aberta 'nuns olhos admirativos, exclamando com jubilosa admiração:

—Uói !—apontando para os ratinhos com o dedinho vermelho.

OLIVEIRA PAIVA.

## O REGRESSO

(CANÇÃO)

Eia, vamos, meu castanho.  
Galopa a bom galopar !  
Té que, enfim ! Enfim chegamos  
A' minha terra, ao meu lar !  
Oh, que enlevos de ventura...  
Que mimos, que formosura !...  
Vejo, por entre a verdura,  
Minha casinha a alvejar ! . . . .  
Graças, graças ao bom Deus...  
Eis-me sorrindo entre os meus !

Que longo tempo o d'ausencia...  
Quanta cousa se mudou !  
Aqui deixei verde matta...  
Quem derrubou-a e queimou ?  
Que milho o d'este roçado...  
Quasi todo apendoado !  
De quem será este gado ?  
Oh, que prazer ! Onde estou ?  
Graças, graças ao bom Deus...  
Eis-me sorrindo entre os meus !

Não havia esta casinha...  
De quem será ? Quem n'a fez ?  
Esta marca eu bem conheço...  
E' lá de casa o pedrez !  
E já vi este magano...  
E' de certo o Marianno !  
Aquella é o Xico Serrano...  
Aquella parece a Ignez !  
Graças, graças ao bom Deus...  
Eis-me sorrindo entre os meus !

Quanta gente no riacho...  
No riachinho tão meu !  
—Adeus, commadre.—Ai, por isso  
« Lindo o dia amanheceu !

« Meu compadre, que tardança !  
 « Já ninguém tinha esperança  
 « De vel-o mais... Que mudança...  
 « Porque tanto emmagreceu ? !  
 Graças, graças ao bom Deus...  
 Eis-me sorrindo entre os meus !

—Magro estou, commadre Ignacia ?...  
 —Ora, gentes, quem não vê ? ...  
 —Saudades... foram saudades...  
 —Isto me diz vosmecê !  
 —Como está meu afilhado ?  
 —Bem gordinho, Deus louvado !  
 « Hontem dei no malcreado...  
 —Ai, commadre... não lhe dê !  
 Graças, graças ao bom Deus...  
 Eis-me sorrindo entre os meus !

—Maria, adeus ! Oh, bonita,  
 Já não me conhece mais ?  
 —Não falle assim... eu casei-me...  
 « Não vê aquelle rapaz ?...  
 —Casou-se, sim ? E' casada ?  
 Que rapariga vexada !...  
 —Ai ! de esperar já cançada,  
 « Aproveitei o Thomaz !  
 Graças, graças ao bom Deus...  
 Eis-me sorrindo entre os meus !

—Totonha, adeus !—Que me trouxe ?  
 —Eu lhe trouxe o coração !  
 E vossê o que guardou-me ?  
 —Vejam, vejam... não sei, não !  
 —Pois eu cumpri a promessa...  
 Eis-me de volta...—Ora essa !...  
 « Mas que demcra...que peça !  
 « Nos homens que ingratião !  
 Graças, graças ao bom Deus...  
 Eis-me sorrindo entre os meus !

—Lá vem o meu bonitinho...  
 —Tia Rosa, como está ?...  
 Tome lá este rosario...  
 —Deus do céu lhe pagará !  
 —Aquella é minha afilhada ?  
 Zé Pequeno na aguada...  
 E a Marianna entoada  
 Cantando vai acolá !..  
 Graças, graças ao bom Deus...  
 Eis-me sorrindo entre os meus !

E todavia os meus campos  
 Pela cidade troquei !  
 Por tanto tempo a ventura  
 Pela amargura deixei !  
 Aqui affectos... carinho...

E lá ?.. Perfidias... espinho...  
 Té que metti-me a caminho,  
 Té que p'ra os mattos voltei !  
 Graças, graças ao bom Deus...  
 Eis-me sorrindo entre os meus !

No páteo entro da casa...  
 Vem-me encontrar o Leão...  
 Velho rafeiro...que pulos...  
 Que prazer que sente então !  
 Latindo salta a meu lado...  
 E rincha e marcha apressado  
 O meu castanho no prado,  
 Prado de seu coração !  
 Graças, graças ao bom Deus...  
 Eis-me sorrindo entre os meus !

Aqui a fonte, a cascata  
 Onde sempre me banhei,  
 Alli a verde collina  
 Onde muito passeei;  
 A varzea, a matta frondosa...  
 A lorangeira mimosa...  
 Alem...morava a formosa,  
 Morena que tanto amei !  
 Graças, graças ao bom Deus...  
 Eis-me sorrindo entre os meus !

E por entre conhecidos.  
 Entre sorrisos sem fim,  
 Da linda casa paterna  
 Ao alpendre chego...alfim !  
 Oh, que ditoso momento !  
 Qu'immenso contentamento !..  
 Não tem força o entendimento...  
 Não se pinta um quadro assim !  
 Graças, graças ao bom Deus...  
 Eis-me sorrindo entre os meus !

JUVENAL GALENO

## OS QUINZE DIAS

Começa com o anno a romagem desta revista—pallida scintillação dos grandes commettimentos e das doiradas utopias que vão pelo cerebro e pelo coração da mocidade cearense, sempre inclinada aos tentamentos da actividade e do progresso, sempre valente e audaz.

Distanciada de todos os favores do governo e dos poderes politicos—a provincia lucta sempre !

E é pela evolutiva e constante acção

de seus esforços que se conserva evidentemente ao par de suas mais fortes e favorecidas irmãs na communhão e no congresso do trabalho, em todas as suas multiformes manifestações.

Nenhuma tão prompta nem tão solícita como ella aos alarmas do progresso e da civilização.

Mas luta só! Tosquiada pelo centralismo deixam-n'a entregue ao destino.

Hoje tudo deve-se ao esforço proprio da provincia, ao seu natural pendor para as reformas adiantadas.

A abolição na provincia, por exemplo, foi uma grande revolução patricia; grande e nobre pelos seus elevados intuitos, generosa e pacifica como um prestito de heroes antigos, diante da civilização moderna. Mas, essa revolução foi feita pela mocidade cearense, que teve no seu sangue bastante energia para lavar da nodoa infamante do captivo uma das maiores e mais populosas conscripções do Imperio americano, nas aguas lustraes da egualdade dos direitos de um povo, diante da patria, fóra das leis civis e humanas.

E dessa revolução contra os mais seculares e arraigados preconceitos e maistitulos de propriedade constituida, não ha uma pagina de sangue!

Pois bem: diante d'esse deslumbramento de heroismo, a maioria dos homens do poder ergueu o seu odio e o odio dos apologistas da escravidão dos brasileiros rendidos ao trabalho!

A provincia ficou odiada dos grandes fazendeiros do sul e dos pontifices politicos de todas as greys, enquanto recebia dos confins do mundo civilizado as oblações da humanidade agradecida e dos grandes homens admirados!

Lêm que pese aos nossos antagonistas, que são os antipodas da civilização — a terra livre do Ceará após todos os desastres da ultima secca de cinco annos, e, mesmo, dos constantes obstaculos que lhe antepõem a politica e o governo floresce a olhos vistos diante do estrangeiro e diante do Paiz.

Agora mesmo — o seu deposito de algodão, somente em Liverpool, praça estrangeira com quem commercia em maior escala, cobre o de todas as outras provincias do Imperio.

E' bem de vêr que o trabalho livre, so-

brepuja todas as difficuldades que o rodeiam.

O agricultor cearense, desfalcado embora de braços, quasi nas condições da Venus de Milo, realisa verdadeiros milagres, e as colheitas multiplicam-se de anno a anno com um augmento prodigioso.

O cearense é, como se justifica, o povo mais laborioso, mais activo, de toda a communhão brasileira, porque tem por legenda o — *Libertas quæes era tamen*.

Este tentamen das letras, não é uma chimera nem uma utopia. Elle tem o seu grande alcance em toda a latitude da evolução do espirito moderno. Uma cousa distingue-o pelo menos — é a tentativa de facto: e o que evolue tem a virtude da actividade e a presumpção do trabalho.

O cearense não estaciona — é do seu espirito, da sua indole primitiva a agitação, o esforço.

Começamos, por hora, a accentuação desta parte da nossa folha e em seguida traçaremos a chronica dos factos occorridos na epoca de nossa romagem pela imprensa, que auguramos longa, a despeito, mesmo, das difficuldades que lhe são inherentes.

O thema da actualidade são as prevenções hygienicas, estabelecidas contra a supposta invasão do *cholera-morbus*.

Si alguma medida benefica tem sido cuidada nestes ultimos tempos, no municipio, com certeza é esse accordo hygienico. A cidade vivia entregue a uma camara deleixada, que gastou seu melhor tempo em tricas partidarias, e desvios economicos.

Ha hoje um aceio regular em quasi toda a cidade, porem ha verdadeiros cahos de immundicie em diversos pontos, sem destinar-se o local onde deva ser depositado, por uma vez, o lixo.

As commissões hygienicas nada adiantam nas visitas assombrosas que fazem ás casas de familia, onde ha sempre regular aceio. Ellas deviam vêr a agua! A agua do Bemfica, a das carroças, a dos agua-deiros, de cacimba, de baldes, os barris de conducção. Ellas deviam vêr os açougues, os fornecedores de viveres para o consumo publico, a carne-velha, o bacalhau etc.

Mas... quem sabe mais que os médicos ? !

A camara municipal—edificio, recebeu em seu tabernaculo—a camara municipal—vereança.

O que fará a nova deputação do municipio ?

Demissões e nomeações ? !

São esses os actos mais salutaes do nosso partidarismo de campanario. Paes de familia que descem as escadas sem pão para os filhos ; co-religionarios que sobem a receber as sinecuras dos chefes reconhecidos.

Uma dolorosa semelhança da comedia burlesca da «Torre em Concurso».

Os actos primeiros dão moldes ás resoluções posteriores.

Eis o que pode esperar, e é o que pensa, o municipio, da nova camara.

Nós, não ;—nada pensamos a tal respeito.

SS. AA. Imperiaes vão a esta hora pondo os augustos pés nas terras d'Europa.

Felizes e soberbos, os principes dos escravos nem lembram-se talvez, que neste paiz que os subvenciona, bate-se oiro das lagrimas dos brazileiros escravizados, para proporcionar-lhes a gloria da vida faustosa que levam, pelos palacios da carcomida nobreza do velho mundo.

Bem felizes que são os principes !

O jornal official publicou em seu numero 5, um contracto partidario feito entre amigos dos chefes das fracções *graúda* e *miúda* do partido conservador de Maranguape.

Admirados da ingenuidade pouco criteriosa com que um jornal serio publica um pacto tão vergonhoso, de que foi parte contractante, recommendamos o facto ao bom senso da posteridade !

E' preciso que appareçam essas pustulas politicas para que os partidos se resguardem de tanta prostituição.

A. M.

## A ESCOLA

Eis-me na Escola, no templo  
Da divindade-Instrucção.  
Vês ? O preceito e o exemplo  
Fascinam, como um clarão !

O livro, como uma aurora.  
Tem seducções como um céu !  
O velho terror de outr'ora  
Cahiu do Olympto, morrêo !

O Mestre não se impõe mais  
Pelas tormentas do olhar.  
Agora—prolonga os paes  
E a Escola—completa o lar !

Como um bando de esperanças  
A vôar para o porvir,  
Folgam, brincam as creanças  
E o Mestre vem applaudir !

Eis porque vejo na Escola  
Um bem, o futuro, a vida !  
Do deserto—isto consola !—  
Surge a TERRA PROMETTIDA !

Ceará, 1887.

J. DE SERPA.

## AS CRIANÇAS

(A JUSTINIANO DE SERPA)

Eu quero muito as crianças  
Alegres, vivas, sadias,  
Que vivem como esperanças  
Enchendo o lar de alegrias.

Sempre travessas, inquietas,  
Tagarellantes, gentis,  
Quaes mimosas borboletas  
A revôarem subtis.

Eu quero-as muito !.. E ao vel-as  
Quem deixará de querel-as,  
Quem deixará de as buscar ?

São essas cheirosas flores  
Fructos dos nossos amôres,  
Encantos do nosso lar !...

J. OLYMPIO.